

MULHERES DE BAIXA RENDA E PROVIDORAS DE FAMÍLIA: DESAFIOS PARA CURSAR A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Raquel Ossuna de Campos Makino, Josiane Peres Gonçalves***

RESUMO

Com o intuito de compreender a realidade vivenciada por mulheres no ensino superior, o presente estudo buscou identificar os desafios vivenciados por mulheres de baixa renda, chefes de família e universitárias, destacando como elas fazem para atender a todos os compromissos que envolvem família, trabalho e universidade. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo com três mulheres de camadas populares, com idade entre 27 e 37 anos, que eram chefes de família e cursavam o ensino superior. A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2020, período em que as aulas da universidade eram remotas, devido ao contexto de isolamento social, influenciado pela pandemia da covid-19. Os dados foram coletados mediante a gravação de entrevistas individualizadas, norteadas por um roteiro previamente elaborado, cujos resultados apontam o seguinte: a realidade das mulheres chefes de família é marcada pelo excesso de compromissos domésticos, familiares e acadêmicos; seu ingresso na universidade objetiva mudar suas condições de vida e concluir o ensino superior, apesar das dificuldades vivenciadas, especialmente com as aulas remotas, por não terem as condições necessárias para realizar os estudos com qualidade.

Palavras-chave: relações de gênero; população feminina; universitárias.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: 0009-0002-1032-3973. Correio eletrônico: raquelossunamakino@gmail.com.

** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE e PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Curso de Pedagogia da UFMS. ORCID: 0000-0002-7005-849X. Correio eletrônico: josianeperes7@hotmail.com.

**LOW-INCOME WOMEN AND FAMILY PROVIDERS: CHALLENGES TO ATTEND
HIGHER EDUCATION**

ABSTRACT

In order to understand the reality experienced by women in higher education, the present study sought to identify the challenges experienced by low-income women, heads of families and university students, highlighting how they do to meet all the commitments that involve family, work and university. For this, in addition to the bibliographic research, a field research was carried out with three women from popular classes, aged between 27 and 37 years old, who were heads of family and attended higher education. Data collection was carried out in the first semester of the year 2020, a period in which the university's classes were remote, due to the context of social isolation, influenced by the Covid 19 pandemic. Data were collected through the recording of individualized, guided interviews through a previously prepared script, the results of which show that: the reality of women heads of families is marked by the excess of domestic, family and academic commitments; they entered the university with the intention of changing living conditions and wish to complete higher education, despite the difficulties experienced, especially with remote classes, as they did not have the necessary conditions to carry out quality studies.

Keywords: *gender relations; female population; university students.*

**MUJERES DE BAJOS INGRESOS Y PROVEEDORES FAMILIARES: DESAFÍOS
PARA IR A LA EDUCACIÓN SUPERIOR**

RESUMEN

Con el objetivo de comprender la realidad que viven las mujeres en la educación superior, el presente estudio buscó identificar los desafíos que viven las mujeres de escasos recursos, jefas de familia y universitarias, destacando cómo hacen para cumplir con todos los compromisos que involucran familia, trabajo y universidad. Para ello, además de la investigación bibliográfica, se realizó una investigación de campo con tres mujeres de clases populares, con edades entre 27 y 37 años, que eran jefas de familia y cursaban estudios superiores. La recolección de datos se realizó en el primer semestre del año 2020, período en

el que las clases de la universidad fueron remotas, debido al contexto de aislamiento social, influenciado por la pandemia del COVID-19. Los datos fueron recolectados a través de la grabación de entrevistas individualizadas, guiadas a través de un guión previamente elaborado, cuyos resultados muestran que: la realidad de las mujeres cabeza de familia está marcada por el exceso de compromisos domésticos, familiares y académicos; ingresaron a la universidad con la intención de cambiar las condiciones de vida y el deseo de completar la educación superior, a pesar de las dificultades vividas, especialmente con las clases a distancia, ya que no tenían las condiciones necesarias para realizar estudios de calidad.

Palabras clave: relaciones de género; población femenina; estudiantes universitarios.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa trata das questões de gênero nas universidades, mais especificamente sobre os desafios vivenciados por mulheres de baixa renda e chefes de família que frequentam universidades públicas no município de Naviraí (MS). Diante do processo formativo, há a intenção de investigar essa temática em virtude de a permanência das mulheres, que têm múltiplas tarefas, no ensino superior ser difícil, pois, além de pertencerem a grupos sociais de baixa renda, elas acumulam ainda a função de serem chefes de família e precisam assumir as responsabilidades relacionadas aos compromissos com a casa e ao cuidado com os filhos.

A partir deste cenário, surgiu o interesse em melhor entender a problemática vivenciada por algumas estudantes universitárias mediante a realização do presente estudo, que teve por objetivo identificar os desafios vivenciados por mulheres de baixa renda, chefes de família e universitárias, destacando como elas fazem para atender a todos os compromissos que envolvem família, trabalho e universidade.

No contexto social da atualidade, percebe-se o quanto as mulheres têm conquistado seus espaços no mercado de trabalho; porém, ainda há desigualdades de gênero em meio a tantas conquistas. E, mesmo entre pessoas do gênero feminino, observam-se muitas diferenças, pois, enquanto algumas mulheres têm condições socioeconômicas favorecidas, muitas outras vivenciam situações de vulnerabilidade econômica e social. Ademais, é importante entender o que essas mulheres estudantes pensam sobre universidade e como gostariam de ser tratadas no espaço acadêmico, a fim de que não integrem as estatísticas da evasão discente e tenham formação de qualidade.

Cabe salientar que muitas mulheres assumem diversas funções sociais desde muito jovens e, conseqüentemente, não conseguem estudar antes de terem filhos. Dessa forma, essas mulheres acabam ingressando na universidade quando são adultas e então precisam assumir muitas atribuições e desempenhar, ao mesmo tempo, o papel de mãe, de trabalhadora e de estudante universitária. É possível supor que a vida de uma mãe chefe de família não é fácil, pois, devido à ausência da figura paterna para dividir as funções inerentes aos cuidados, sustento e educação dos filhos, as mulheres precisam assumir, sozinhas, todas as responsabilidades e ainda exercer o papel de mãe, cuidadora, protetora e provedora das necessidades dos filhos.

Contudo, a falta de tempo para o público feminino se dedicar aos estudos, as múltiplas tarefas desempenhadas simultaneamente ao ensino superior podem afetar o seu processo formativo, especialmente quando não há condições de dividir as obrigações com outras pessoas, como costuma ocorrer com as mulheres de baixa renda e que são chefes de família.

O trabalho foi assim organizado: primeiramente, apresenta-se o referencial teórico; em seguida, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, os resultados e as discussões acerca dos dados obtidos; e, por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas, conforme apresentado em seguida.

4

2 MULHERES DE BAIXA RENDA E CHEFES DE FAMÍLIA NO ENSINO SUPERIOR

Em nossa sociedade, as relações de gênero se fazem presentes, e, no caso do gênero feminino, sabemos que a mulher passa por problemas relacionados ao espaço que ocupa, visto que, ao sair do ambiente doméstico para ocupar espaços públicos, costuma sofrer com o machismo que a inferioriza e a classifica como frágil e não apta a desenvolver atividades fora do recinto privado (LOURO, 1997).

Nesse contexto, observamos que são muitos os desafios encontrados pela mulher para concluir um curso superior no período noturno, porque essa atitude corresponde à saída do lar e ao acúmulo de tarefas, por ter de continuar a cumprir os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, o trabalho fora de casa, entre outras.

No caso das mulheres que são chefes de família e que pertencem a grupos sociais de baixa renda, a situação pode ser muito mais complexa devido à dificuldade de pagar alguém para auxiliar nas atividades domésticas e cuidados com os filhos (CASTRO, 2001;

CARLOTO, 2005; MACEDO, 2008). Ainda assim, muitas dessas mulheres buscam, por meio do acesso à universidade e da sua permanência nela, uma forma de melhorar as condições de vida de sua família.

Em relação aos lares com chefia feminina, Cavenaghi e Alves (2018) enfatizam que se trata de uma situação vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes classes sociais e que resulta das mudanças ocorridas nas configurações familiares no decorrer do tempo. Assim, os autores destacam o seguinte:

O número de famílias brasileiras cresceu em ritmo mais acelerado do que o aumento populacional entre 2001 e 2015, a população cresceu 18,6%, o número total de famílias aumentou 39%, o número de famílias chefiadas por homens prosperou em 13% e o número de famílias chefiadas por mulheres teve incremento de 105% nesses 15 anos. Entretanto, o aumento dos diversos arranjos familiares não foi uniforme e os diferenciais por sexo foram enormes. (CAVENAGHI; ALVES, 2018, p. 60).

Torna-se evidente que, no Brasil, aumentou muito o número de famílias que são chefiadas por mulheres, sendo que muitas delas se caracterizam como monoparentais, por contar apenas com um dos pais ou adulto responsável por crianças e adolescentes. Contudo, é importante considerar que, segundo Castro (2001, p. 92), há desvantagens sociais enfrentadas pelas mulheres que são as únicas responsáveis pelos filhos, visto que

As mulheres de famílias monoparentais [...] foram esposas, ou seja, empobrecem não porque se tornam chefe de família, porque deixaram de ter um provedor, mas, com a maior probabilidade, porque foram esposas antes e, assim, não tiveram as mesmas oportunidades dos homens, casados ou vivendo sós, ou das mulheres sós, de investir em carreira, de socializar-se com as regras do e no mercado.

Embora existam famílias chefiadas por mulheres em diversas classes sociais, a situação é mais complexa quando se vive em situação marginal e de pobreza, ou quando se pertence aos estratos mais empobrecidos da população (MACEDO, 2008; MORILHE, 2017). Dessa forma, as mulheres que compilam seus afazeres sozinhas estão sujeitas a passar por diversas necessidades relativas à moradia, alimentação, saúde, segurança dos filhos, entre outras. Normalmente elas ainda estão sobrecarregadas com trabalho, estudo, afazeres domésticos e cuidado/educação dos filhos (CARLOTO, 2006; MENDES, 2002; MONTALI, 2006).

Por conseguinte, as mulheres chefes de família e estudantes enfrentam vários dilemas para conciliar os diversos papéis econômicos, sociais e acadêmicos. Para elas essas múltiplas

tarefas são cansativas e resultam em sobrecarga, uma vez que são as únicas responsáveis pela educação e sustento de suas famílias.

Um fator agravante refere-se ao fato de que existe a desigualdade social de gênero no mundo do trabalho, pois, além de as mulheres terem menos acesso ao trabalho formal, elas também recebem os menores salários e ganham menos do que os homens em todas as ocupações. Para Oliveira (2009), apesar de haver diminuído a desigualdade salarial entre 2012 e 2018, as trabalhadoras continuam ganhando, em média, 20,5% menos que os homens no país.

Trata-se de uma questão cultural, visto que, historicamente, as mulheres não tiveram acesso à vida pública e eram educadas apenas para o casamento, para a maternidade e para o trabalho doméstico, constituindo assim um contexto de segregação política e social.

Esta segregação social e política a que as mulheres foram conduzidas propiciou a sua invisibilidade e a impossibilidade de exercer uma profissão ou de ter acesso à educação formal. Muitas mulheres das camadas populares trabalhavam não só em suas casas, dando conta dos afazeres domésticos, mas também na condição de camponesas ou trabalhadoras rurais. Para Louro (1997), gradativamente estas mulheres passaram a ocupar também outros espaços profissionais, mas sempre controladas e dirigidas por homens. Conseqüentemente, as profissionais do gênero feminino passaram a desempenhar socialmente funções profissionais secundárias, de apoio, de assessoria ou de auxílio, como acontece com as enfermeiras, as secretárias, entre tantas outras.

Esta divisão sexual do trabalho, que atribui funções específicas para homens e para mulheres, como, por exemplo, o fato de aceitar que o homem exerça função de comando e a mulher permaneça subordinada, passou a ser entendida como “natural”, mas na realidade é resultado de um contexto cultural. E, como tem predominado entre as mulheres o desempenho de funções profissionais secundárias, de subordinação, as trabalhadoras do gênero feminino continuam recebendo remuneração inferior à dos homens em quase todas as ocupações, além de recair sobre elas grande parte das tarefas domésticas.

Ao refletir sobre tal realidade, Pinsky (2012, p. 470) ressalta que “Os discursos sobre o que é ‘próprio da mulher’ ou qual o ‘seu papel’ afetam também as políticas públicas, o valor dos salários, a oferta de empregos, as prescrições religiosas, os procedimentos jurídicos, a educação oferecida e até o trabalho dos cientistas de cada época”.

No que tange à educação formal, desde os primórdios, havia a desigualdade de gênero na educação, apenas os homens cursavam o ensino secundário e ingressavam em cursos

superiores; enquanto as mulheres só puderam participar ativamente da educação superior a partir dos anos 1970. A trajetória das mulheres foi marcada por grandes conquistas, como o acesso ao ensino médio e ao ensino superior, bem como à pós-graduação. Na atualidade, a população feminina tem frequentado mais escolas e universidades, quando comparada ao público masculino, mas ainda assim os salários não são iguais aos dos homens (CUSTÓDIO, 2016).

Corroborando tais proposições, Bruschini, Lombardi, Mercado e Ricoldi (2006) denunciam que não é pelo fato de as mulheres atualmente apresentarem nível de escolaridade mais elevado que o dos homens que elas estão livres do cenário da discriminação e violência física e simbólica presente nos diversos segmentos da sociedade. Apesar de reconhecer essa problemática, os autores consideram que as mulheres brasileiras estão cada vez mais qualificadas, pois ingressam no ensino superior e tornam-se profissionais em diversas áreas, inclusive em profissões de grande notoriedade, passando a ocupar postos de comando. Embora esse avanço tenha ocorrido lentamente, as mulheres vêm ocupando espaços antes não alcançáveis e tendo sido beneficiadas pelo conjunto de normas legais e ações governamentais que buscam promover a igualdade de gênero no trabalho.

Atualmente no Brasil uma gama de indicadores aponta para o fato de as mulheres estarem em maior número nos diversos níveis educacionais. No ensino universitário, não é diferente, visto que, neste espaço, a presença de mulheres é preponderante. Entretanto, este cenário não afasta as distorções de gênero que, articuladas a outros vetores de desigualdade social, como raça/etnia, ainda estão presentes e limitam a equidade na distribuição de oportunidades (ASSUMPCÃO, 2014).

Conforme descrito na publicação *Estatísticas de gênero* (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018), em 2016 a população de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo era composta por homens brancos, 20,7%, preto ou pardo, 7,0%; e por mulheres brancas, 23,5%, preta ou parda, 10,4%. O número maior de mulheres tende a se manter em todas as regiões do país.

As informações apresentadas evidenciam que as mulheres estão presentes no ensino superior em número maior que os homens. A desproporção de estudantes e docentes nas diferentes áreas do conhecimento é aparente, pois reflete a influência do engajamento das instituições de ensino superior (IES) na superação de desigualdades sociais de gênero. Tal fato é do conhecimento do público das IES, ou seja, aqueles e aquelas que frequentam seus

cursos e que recebem seus certificados (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS, 2017).

É possível então afirmar que o acesso e a permanência escolar das mulheres não são mais entendidos como discriminação de gênero nas universidades, porquanto a figura feminina tem se mostrado mais significativa e presente em diversas áreas do conhecimento.

É importante salientar que se entende como mulheres de baixa renda. São aquelas que trabalham fora e longe de suas casas, com a remuneração insuficiente para o seu sustento e de seus filhos, o que faz com que elas passem a depender de uma renda extra. A localização da sua residência, por sua vez, caracteriza-se pelo afastamento do centro da cidade, o que torna mais difícil o uso do transporte público. Faria e Barham (2004) indicam que as pessoas que trabalham fora de casa dependem mais dos auxílios profissionais, como horas-extras, por exemplo. Além disso, as mulheres são as maiores responsáveis pela vida de seus familiares, seja cuidando da saúde dos filhos, seja participando das reuniões escolares. Tal situação vai se refletir no seu desempenho profissional.

3 METODOLOGIA

A metodologia do estudo se pautou em pesquisa qualitativa, descritiva, com a coleta de dados realizada com três mulheres que são chefes de família, que pertenciam a camadas populares e cursavam o ensino superior em uma universidade pública de Naviraí (MS).

Para Barbosa (2008), a pesquisa qualitativa é relevante por priorizar o trabalho dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Já a pesquisa descritiva exige a descrição dos fatos e fenômenos de determinada realidade, como é o caso de estudantes de baixa renda e chefes de família de Naviraí (MS).

Na primeira etapa da pesquisa, foram desenvolvidos estudos bibliográficos com temáticas que incluem os seguintes itens: relações de gênero, mulheres chefes de família, mundo acadêmico, mulheres e mercado de trabalho, tríplice jornada de trabalho, educação superior.

Na segunda etapa, ocorreu a elaboração do roteiro de entrevista. Este instrumento utilizado para a coleta de dados foi elaborado previamente, sendo gravadas entrevistas individualizadas com cada uma das participantes. Segundo Barbosa (2008), a entrevista é um método flexível de obtenção das informações, sendo utilizada nas pesquisas qualitativas e

requerendo um bom planejamento prévio por parte do entrevistador para seguir o roteiro elaborado. Com a existência de um roteiro para nortear as entrevistas, foi possível introduzir variações. Como as respostas gravadas pelos participantes são mais extensas do que as respostas escritas obtidas por um questionário, foi bom haver um número menor de entrevistados, pois, com poucos sujeitos, foi possível obter muitos dados.

Na terceira etapa, deu-se o contato com a universidade, mais especificamente com os cursos de Pedagogia e Ciências Sociais de Naviraí (MS). Objetivou-se, assim, identificar algumas estudantes que vivenciam situações comuns, como serem chefes de família e pertencerem a camadas populares – sendo essa última característica identificada por questões salariais e pelos locais onde as estudantes residiam, ou seja, em bairros periféricos de Naviraí (MS).

Na quarta etapa, foram contatadas três acadêmicas, para então agendar um horário e combinar sobre a gravação das entrevistas em áudio e de maneira individualizada. Para preservar a identidade das participantes, foram utilizados nomes fictícios, visto que a intenção foi compreender como essas mulheres que estudam no período noturno se organizam para dar conta de todas as responsabilidades da vida pessoal, profissional e acadêmica. Cabe salientar que a coleta de dados ocorreu no primeiro semestre de 2020, contexto histórico em que as aulas presenciais se tornaram remotas, devido à pandemia provocada pela covid-19.

Na quinta etapa, foram obtidos os dados por meio da gravação das entrevistas, sendo transcritos e sistematizados, para então serem analisados. Para a discussão dos resultados foi utilizada a técnica denominada por Bardin (2004) de *análise de conteúdo*, que se caracteriza por um conjunto de técnicas que, de forma sistemática e objetiva, visa obter indicadores que permitam ao pesquisador inferir conhecimentos relativos à produção da mensagem. A referida técnica possibilitou que fosse feita a interpretação do que estava por trás dos discursos, ou seja, as motivações, os desejos e as outras características manifestadas pelas entrevistadas através de risos, de pausas e de perturbações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a organização e a discussão dos resultados, foi feita a opção por primeiramente analisar o perfil das mulheres universitárias entrevistadas, para em seguida apresentar as seguintes categorias de análise: as relações financeiras na vida das acadêmicas chefes de família, o ambiente acadêmico e suas implicações sociais. As respostas das acadêmicas foram relacionadas com os autores que abordam a temática.

4.1 Perfil das acadêmicas que representam a amostragem da pesquisa

Foram feitas entrevistas com três mulheres acadêmicas, o perfil representa a amostra dos dados obtidos. Essas informações estão sistematizadas no Quadro 1, onde aparecem as informações das participantes, assim como seus nomes fictícios para preservar a identidade destas.

Quadro 1 – Perfil das mulheres acadêmicas pesquisadas

Nome	Idade	Profissão	Quem mora na casa e idade	Graduação em andamento	Semestre
Antônia	37 anos	Padeira autônoma	Filha: 20 anos Filho: 15 anos Filho: 12 anos	Pedagogia	3.º
Cláudia	33 anos	Concursada: Auxiliar administrativa na prefeitura	Filha: 17 anos Filho: 15 anos	Pedagogia	1.º
Maria	27 anos	Agente de endemias na prefeitura	Filha: 9 anos Filha: 5 anos	Ciências Sociais	3.º

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Por meio dos dados coletados, pode-se observar primeiramente que a idade das mulheres variava entre 27 e 37 anos, evidenciando que todas se encontravam na fase de adulto jovem, que compreende o período de 20 a 40 anos, conforme Lima e Gonçalves (2020). Para as referidas autoras, nesta fase da vida, “[...] os adultos estão no auge de suas habilidades físicas e cognitivas [...]” (LIMA; GONÇALVES, 2020, p. 424), características que podem facilitar o processo de aprendizagem na universidade. Contudo, as condições também são importantes para que os estudantes tenham um bom desempenho, e nem sempre as mulheres com filhos conseguem se dedicar como gostariam, especialmente quando se trata de universitárias de camadas populares.

Entre as participantes da pesquisa, duas trabalhavam na prefeitura municipal, sendo uma concursada e outra contratada, enquanto outra participante trabalhava na informalidade, vendendo os pães que ela mesma fazia. As três mulheres entrevistadas eram chefes de família e responsáveis por seus filhos, uma era mãe de duas crianças (Maria), outra tinha um casal de adolescentes (Cláudia) e a outra tinha três filhos, sendo um casal de adolescentes e uma filha com 20 anos de idade (Antônia).

Quanto ao curso de graduação, duas universitárias cursavam Pedagogia (ANTÔNIA e CLÁUDIA) e uma cursava Ciências Sociais (MARIA); nenhuma havia ultrapassado a metade da graduação, visto que estavam matriculadas em turmas de 3.º (ANTÔNIA), 1.º (CLÁUDIA) e 3.º semestre (MARIA).

4.2 As relações financeiras na vida das acadêmicas chefes de família

Entre os assuntos abordados durante a entrevista, que foi o instrumento utilizado para a coleta de dados, um se referia à renda familiar, incluindo todas as pessoas que residiam na casa e tinham renda. Obtiveram-se as seguintes respostas: “A maior renda é da pensão [aposentada pelo INSS], e tem também a venda de pães em casa. Os três filhos que me ajudam a fazer e a vender” (ANTÔNIA); “Nós três trabalhamos, a minha filha trabalha em um mercado, meio período, e o meu filho em salão de cabeleireiro” (CLÁUDIA); e “De renda sou apenas eu, mas a minha filha mais nova recebe pensão” (MARIA).

Diante das respostas, pode-se perceber que a maioria dos filhos das mulheres acadêmicas as ajudam financeiramente no sustento da casa em que vivem, seja por meio de trabalhos, seja através de pensão que recebem. Antônia é a única que já tinha uma filha maior de idade, com 20 anos, mas nenhuma das quatro pessoas que residem na casa tinha vínculo empregatício. Nesse caso, a mãe é a chefe que se responsabiliza por fazer os pães; os filhos, por sua vez, participavam de todo o processo, inclusive a filha de 12 anos também colaborava. Com base nesse tipo de realidade, Carvalho (1998, p. 85) reflete sobre as mulheres das camadas populares que são as principais provedoras de seus lares e ressalta que estas pessoas são

[...] associadas às situações de vulnerabilidade econômica, pois a mulher, como único membro adulto do domicílio, é sua provedora, além de assumir funções domésticas e o cuidado com os filhos, o que implica sua vinculação a trabalhos mal remunerados em tempo parcial ou intermitente, gerando assim maiores dificuldades para garantir a subsistência da própria família.

Ainda em relação ao aspecto financeiro, mais especificamente à participação dos pais dos filhos, se estes assumiam algum tipo de responsabilidade, as três participantes da pesquisa assim argumentaram: “O pai da minha filha mais velha não ajuda em nada. O do meu filho do meio, ao invés de dar a pensão, comprou uma casa para ele morar, livrando a gente do aluguel. O pai do meu filho mais novo faleceu e deixou a pensão” (ANTÔNIA); “Os meus filhos têm o mesmo pai, mas ele não ajuda em nada, ele foi embora quando minha filha mais

velha tinha 8 ou 9 anos e nunca mais voltou” (CLÁUDIA); “O pai da minha filha mais velha não contribui, somente o da minha filha mais nova é que paga pensão” (MARIA).

Conforme as respostas mencionadas, podemos notar que não há a participação da figura masculina, seja de maneira afetiva, seja de modo financeiro, na vida dos filhos. Por consequência, essa situação faz com que as mulheres sejam ainda mais sobrecarregadas financeiramente, além de terem que assumir, igualmente, a responsabilidade pelo cuidado e pela educação dos filhos.

Para Brito (2008), a fragilidade financeira e educacional fomenta a dificuldade econômica e social, interferindo na falta de tempo de mulheres chefes de famílias monoparentais, que precisam se desdobrar para assumir as responsabilidades familiares.

4.3 Ambiente acadêmico e suas implicações sociais

Diante da realidade vivenciada em seus lares, as participantes da pesquisa ainda assim resolveram cursar o ensino superior. Elas comentaram sobre os motivos que as levaram a tomar essa decisão tão importante para a própria formação humana e profissional. Cláudia disse o seguinte: “Resolvi estudar para melhorar de vida, de situação e ganhar um pouco mais. Acredito que para conseguir um emprego melhor, eu preciso estudar”. Já Antônia e Maria, respectivamente, relataram que a opção por ingressar em um curso universitário teve os seguintes objetivos:

Para mudar a minha história, sou a filha mais velha de quatro filhos e sou a única que estuda. Eu decidi também por querer algo melhor, por não querer ser mais doméstica, porque, no último emprego, vivi muito preconceito, desaforo de patrões. Mas meus amigos e minha família me incentivaram e deram o maior apoio para eu investir em mim mesma e fazer o que mais gosto [pães]. Eu voltei a estudar para melhorar meu estilo de vida e para mostrar para os meus filhos que eles apenas poderão mudar a história de suas vidas através do estudo. (ANTÔNIA).

Para a realização pessoal, profissional. Eu sentia que faltava alguma coisa para mim, eu dei uma pausa na minha vida justamente por ter engravidado, não queria casar de novo, estava em uma fase completamente diferente, eu queria mudar toda a minha vida e senti que precisava fazer alguma coisa. A faculdade sempre foi um sonho. (MARIA).

Em uma tentativa de entender as respostas coletadas, pelo fato de o discurso das três mulheres serem semelhantes, infere-se que as suas experiências anteriores as incentivaram a

querer uma vida melhor, tanto para elas como para seus filhos. Em conformidade com essas palavras, Ávila (2010, p. 147) salienta que,

Conquanto de forma inversa, as razões para o retomar dos estudos, pelo menos para a maioria delas, parecem estar atreladas aos mesmos meios de pertencimento que no passado fizeram as mulheres pararem de estudar: o círculo de amigos, o mercado de trabalho ou o círculo familiar [...] atualmente, após muitos anos trabalhando em “casa de família”, percebem que, provavelmente, a única forma de romper esse ciclo de trabalho doméstico, e conseguir um emprego melhor, seria fazendo um curso superior, o que as levou à universidade.

O estudo de Ávila (2010) é sobre empregadas domésticas que resolveram cursar o ensino superior para obter um “emprego melhor”, assim como também foi relatado por Antônia, sobre as discriminações que sofreu nesta função profissional. Ela então percebeu que a universidade seria a possibilidade que ela teria para romper com essa realidade.

A participante Maria comenta sobre a realização pessoal e profissional. É interessante essa percepção, visto que muitas mulheres se preocupam primeiramente com a família em detrimento de suas intenções pessoais. Assim, um estudo realizado por Gonçalves e Ternovec (2017) acerca de cinco mulheres que cursavam o ensino superior e exerciam inúmeras funções sociais simultaneamente evidenciou que o motivo pelo qual as estudantes resolveram ingressar na universidade foi para tentar garantir um futuro melhor para os filhos, em detrimento da realização pessoal.

Tendo em vista que, embora sendo estudantes universitárias, as mulheres entrevistadas tinham diversas atribuições por serem chefes de famílias monoparentais, elas foram indagadas sobre o tempo que disponibilizam para a realização dos trabalhos e atividades acadêmicas. Cláudia afirmou o seguinte: “Na verdade, eu faço é quando dá tempo, né? Quando eu chego do serviço, depois das 20h. É quando eu já fiz a janta e estou mais tranquila, então eu pego nos cadernos e textos e vou estudar”. Maria, por sua vez, disse o que segue: “Faço as atividades no horário de almoço ou no meio tempo do serviço. Geralmente, como eu trabalho na rua, muitas vezes eu consigo fazer alguma outra coisa sentada em algum banquinho ou quando eu chego da faculdade”. Antônia, por fim, mais uma vez, menciona a sua experiência como empregada doméstica e assim se expressa:

Quando eu trabalhava de doméstica, fazia as atividades quando chegava da faculdade à noite. Eu ficava até tarde fazendo ou quando saía do serviço. Esse foi um dos motivos de eu sair do serviço, eu não conseguia fazer nem as atividades da faculdade e nem as faxinas direito, eu não tinha tempo de ler textos, nem fazer as atividades. Quando eu consegui o serviço na escola de estagiária, eu conseguia

fazer as atividades, ler os textos entre os intervalos de tempo, pois tornou-se menos cansativo e mais produtivo. (ANTÔNIA).

Diante das respostas, evidencia-se que geralmente as mulheres não têm um tempo exclusivo para os estudos, os quais são realizados em lugares improvisados e em um curto espaço de tempo. Para Ávila (2010), os espaços-tempos próprios e exclusivos para os estudos costumam ser raros, de acordo com as experiências relatadas pelas mulheres universitárias. O espaço e o tempo destinados aos estudos são aqueles ajustáveis ao possível, e com frequência as estudantes estabelecem uma estratégia de estudo improvisada e muito diversificada.

Com tantas atribuições e falta de tempo para se dedicar aos estudos, as três mulheres que participaram da pesquisa comentaram sobre as maiores dificuldades que enfrentam ao estudar no ensino superior. A Antônia salientou o seguinte: “Eu tenho muita dificuldade em expressar o que eu entendi, eu não consigo passar para os outros o meu conhecimento, é terrível quando tenho que apresentar seminário”. As outras duas entrevistadas comentaram sobre o contexto de isolamento social, com as aulas remotas, devido à pandemia da covid-19, evidenciando que faz muita falta não estar presente na universidade. Assim, respectivamente, Cláudia e Maria se expressam:

A maior dificuldade no momento é estudar em casa, porque presencial é totalmente diferente, eu consigo aprender mais, quando o professor está falando e explicando, é bem melhor. Da forma em que estamos trabalhando e estudando, está dificultando muito as coisas, tanto em aprender como no acesso dos conteúdos. Eu não tenho computador e nem celular para acessar. (CLÁUDIA).

Para mim lá dentro da faculdade é um ambiente muito leve, eu acho que é a melhor parte do meu dia! Quando eu estou lá, eu rio pra caramba, com os meus colegas, é uma coisa que estou sentindo muita falta. E agora eu estou com todas as responsabilidades para fazer, eu faço tudo: enquanto eu faço janta, cuido da casa e das minhas filhas. Mas o mais difícil é a questão de preparar o tempo para um seminário, sentar e ficar horas lendo textos. Eu entendo que sem isso não tem Ciência Sociais; aliás, acho que qualquer curso precisaria dessa dedicação. (MARIA).

Por meio das respostas das participantes, observa-se que as dificuldades que elas vivenciam são variadas e ainda foram intensificadas durante o período de isolamento social, devido à pandemia da covid-19. Como não mais ocorriam as aulas presenciais na universidade, as estudantes tiveram que acompanhar as aulas remotas em suas próprias casas, paralelamente a tantas outras atribuições domésticas e familiares que elas rotineiramente desempenhavam. Além disso, as participantes demonstraram que não tinham os recursos e

condições necessárias para cursar o ensino superior com qualidade, corroborando assim os pressupostos de Ávila e Portes (2012, p. 824), ao afirmarem que

A permanência do estudante das camadas populares na universidade é difícil e marcada por uma série de ajustes e ações práticas empreendidas por ele e por sua família em resposta aos diferentes obstáculos que vão surgindo ao longo do percurso. Em grande medida, são essas ações práticas, entendidas aqui como estratégias de sobrevivência na universidade, que garantirão ao estudante transpor a barreira universitária.

Quando questionadas sobre a permanência ou possível intenção de desistência do curso, as participantes foram muito claras em dizer que pensam nessa possibilidade, especialmente no contexto de pandemia, em que as aulas se tornaram remotas. Assim, Antônia, Cláudia e Maria, respectivamente, salientaram o seguinte:

Com essa pandemia eu resolvi trancar o curso, pois tenho muita dificuldade. Se, no modo presencial, já tinha muita dificuldade em aprender, em casa é mais difícil ainda, porque eu só consigo ler os textos e capítulos em um ambiente silencioso, mas em casa eu não consigo isso. E ainda quando o professor fala, eu já vou anotando as explicações, mas agora não dá. E ultimamente eu tenho mais preocupações financeiras e não tenho mais concentração com os estudos. Então eu pedi para trancar [a faculdade], pois sei dos meus limites. Mas ano que vem [2021] eu vou voltar, com mais experiência, com os filhos maiores, então ficará mais fácil de eles me entenderem. (ANTÔNIA).

Eu penso todos os dias em desistir, estou tendo muita dificuldade com o acesso de matérias. Meu computador não está funcionando, o meu celular também não, e tenho muitas atividades atrasadas. Devido ao celular, eu não consigo baixar as atividades e os textos, mas infelizmente não tem o que fazer. As dificuldades também estão sobre as matérias. Em relação à leitura, eu consigo ler, mas às vezes eu não consigo compreender o que acabei de ler. Tem uma pergunta lá e eu falo “Meu Deus! Eu acabei de ler e não consigo achar essa resposta”. Aí quando eu leio umas quatro ou cinco vezes, aí eu vejo que ela [resposta] está ali na minha frente e eu não consigo enxergar. Eu acho que eu tenho essa dificuldade em relação à interpretação. (CLÁUDIA).

Atualmente tenho pensado em desistir, devido a toda a pandemia que estamos vivendo agora. Até então passou muitas coisas pela minha cabeça. Para falar a verdade, até que eu não sou ruim, eu sempre entendi um pouco do que eu vou apresentar, eu chego lá e consigo desenvolver alguma coisa. Mas fazendo as coisas ao mesmo tempo, para mim já é demais, a falta de explicação, o próprio contato..., eu sou muito auditiva, eu gosto de ouvir as pessoas falando (MARIA).

Diante das respostas mencionadas, pode-se constatar que duas das três acadêmicas entrevistadas apresentam um desânimo sobre a forma de condução dos estudos a distância, visto que uma já trancou o curso devido às dificuldades encontradas no contexto do

isolamento social, em função da pandemia predominante no primeiro semestre de 2020. Segundo projeções da Semesp (2020), a pandemia do novo coronavírus deve contribuir para elevar a taxa de evasão no ensino superior para 34,1%. Com base nos relatos das participantes, é possível inferir que, entre as mulheres de camadas populares, o índice de desistência pode ser ainda mais elevado. Ademais, em conformidade com as palavras de Ávila (2010), a tríplice jornada de trabalho faz com que o entrelaçamento simultâneo de circunstâncias complexas de difícil solução atue como categoria de impedimento para a continuidade dos estudos e contribua para as mulheres estudantes pensarem na possibilidade de abandonarem a universidade.

As três mulheres universitárias foram indagadas sobre suas opiniões em relação às mulheres que trabalham fora, que têm as responsabilidades familiares e domésticas e que, paralelamente, cursam o ensino superior, como ocorre com elas mesmas. Cláudia considera o seguinte: “Elas são vitoriosas, guerreiras, porque não é fácil, mesmo que eu tenha meus filhos grandes, no modo de dizer, né? Eu sei que eles ainda dependem de mim, para comida, lavar roupa e sapato, e principalmente agora nos estudos dirigidos”. Ou seja, além de todas as atribuições que já tinha anteriormente, a mãe estudante teve também que auxiliar o casal de filhos adolescentes nas atividades escolares durante o período de isolamento social. Sobre a mesma questão, Maria opinou o que segue: “Eu acho que as mulheres que estudam têm uma garra tremenda, eu sei que hoje a carga em cima da mulher é muito grande, tem que ter muita persistência, uma garra tremenda”. O termo “guerreira” também foi mencionado por Antônia que assim comentou:

Elas são guerreiras, por mais que elas passam dificuldades, tirando por mim, pois não é fácil trabalhar, cuidar de uma casa e também saber me impor sobre tudo, né? Tem que falar que não é só ela que deve fazer os serviços domésticos, mas todos que moram com ela. Desde muito cedo eu ensino os meus filhos a cuidarem da casa, eu sempre digo que “Você não vai deixar de ser homem por lavar uma louça e ajudar sua mãe!” (ANTÔNIA).

De acordo com as respostas, nota-se que as acadêmicas demonstram admiração por mulheres que passam por situações semelhantes à delas e ainda conseguem aprender e ter forças para continuar, esclarecendo aos seus filhos que não são apenas elas que devem batalhar para melhorar o futuro, mas também eles próprios. Essas mulheres mostram assim esperança, desejando um futuro melhor para elas e para seus filhos. De forma semelhante, Torres (2005, p. 274) analisa que

Os sonhos e as utopias não se identificam com as estruturas do mundo, mas estão dentro delas por intermédio das pessoas que se recriam nelas como um processo. Não coincidem totalmente com nenhuma alternativa histórica concreta, situam-se para além numa perspectiva de abertura para adiante. Essa perspectiva de vir-a-ser consegue fazer renascer o sujeito social que está sendo sobrepujado pela contingência humana, levando-o a reavivar o desejo e a esperança.

Outra questão que foi feita às participantes da pesquisa dizia respeito à opinião dos familiares, se eles concordavam com o fato de elas estarem cursando o ensino superior. Elas assim responderam:

O meu irmão sempre fala que sou muito corajosa, ele fala que me admira e que eu vou longe ainda, por ele conhecer a minha história e tudo que eu já passei. A minha irmã em Campo Grande se inspirou em mim, falou para seu marido que iria estudar, pois vê que eu criei três filhos sozinha e ainda estudo. Eles me dão muita força e apoio, a minha mãe principalmente, não quer que eu desista, por ser algo tão importante para todos da minha família. (ANTÔNIA).

Eles ficam felizes, a minha mãe e meu pai, todos deram a maior força, falando para eu não desistir. A minha infância não foi muito boa também, uma infância bem limitada financeiramente. Eu fui criada pela minha avó e terminei meu ensino médio depois de grande, quando já tive meus filhos, porque na época a gente tinha que comprar livro, e minha avó não tinha condições de comprar livros para todos, aí preferiu que a minha irmã formasse e aí eu fiquei, né? Quando minha filha tinha uns 4, 5 anos, eu quis retornar os estudos, eu vi a dificuldade em arrumar emprego, eu pensei comigo: “Eu tenho que estudar, se eu quero ter um futuro e dar um futuro para meus filhos, eu tenho que ter um estudo”. Aí eu concluí o ensino médio, fiz o Enem para ver se eu conseguia alguma coisa, fiz o sisuzinho e fui chamada para entrar na universidade pública. Meus familiares me deram o maior apoio e me incentivam a não desistir. (CLÁUDIA).

No primeiro momento eu achei que não, que não haveria muito apoio dos familiares, porque minha mãe foi criada em um ambiente diferente do meu. Eu morava com ela ainda, quando engravidei, tinha 18 anos, e para ela eu deveria ter saído do ensino médio direto e ir direto para a faculdade, mas como eu tinha engravidado, para ela não poderia mais fazer faculdade, nem estudar. Foi então que eu fiz o contrário, voltei a estudar e hoje estou em uma universidade. Felizmente foi ela quem me deu forças para eu ir adiante, é ela quem me dá forças, ela é a única, é a minha base mesmo, não tenho outros familiares, não (MARIA).

Diante das respostas mencionadas, é possível notar que as três entrevistadas receberam apoio dos familiares, porém com algumas limitações, mas ainda assim sinalizam que é muito importante contar com o apoio familiar para dar continuidade aos estudos. Para Andrade *et al.* (2013), o apoio social, principalmente em relação ao cuidado com os filhos, é essencial para que as mulheres consigam cumprir sua jornada de trabalho, assim como sua jornada de

estudos. Desse modo, torna-se necessário identificar como este conflito, entre trabalho e família, impacta as relações familiares.

Para finalizar as entrevistas, as três universitárias comentaram sobre o que planejam para o futuro, após terminarem a faculdade. Elas então afirmaram o seguinte:

Pretendo continuar estudando porque daqui a uns 9 ou 10 anos pretendo fazer um mestrado e um doutorado. Meu maior desejo é continuar estudando, mas primeiramente vou parar um pouco, me estabilizar financeiramente em casa e futuramente, com os filhos maiores, eu pretendo alcançar o que tanto desejo. (ANTÔNIA).

Eu pretendo fazer um concurso, na área que eu me formar, para eu conseguir pegar uma sala de aula ou então trabalhar em uma secretaria, alguma coisa que seja melhor do que eu estou fazendo agora. (CLÁUDIA).

Eu sempre tive vontade de fazer concursos, eu não tinha a vontade de exatamente dar aula, só que o curso fez eu ter essa vontade, principalmente na área da sociologia. A antropologia e a política não são meu forte, prefiro a área de sociologia, mais voltada para área judicial, análise criminal, estatísticas policiais. (MARIA).

A perspectiva para o futuro está relacionada com a conquista e a evolução de uma carreira profissional. Mais uma vez, as universitárias apontaram que é através dos estudos que elas poderão ter um emprego melhor e, conseqüentemente, melhores condições financeiras. Como estudavam em cursos de licenciatura, as três participantes planejavam trabalhar na área da educação. Nesse sentido, Almeida (1998, p. 26) enfatiza que,

Entre mulheres e educação, o que sempre se esculpiu nas vidas femininas foi um entrelaçamento de destinos incorporando sujeitos históricos aspirando por um lugar próprio no tecido social e uma profissão que se adaptou perfeitamente àquilo que elas desejavam, aliando ao desempenho de um trabalho remunerado as aspirações humanas e afetivas que sempre lhes foram definidas pela sociedade.

Realmente as mulheres deixaram de ser um sujeito passivo e passaram a ser um agente ativo, quebrando vários paradigmas que eram impostos na sociedade. Atualmente vemos como as mulheres estão conquistando seu espaço, seja no mercado de trabalho, seja em outros ambientes, mas é claro que temos muito ainda a reivindicar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou identificar os desafios vivenciados por mulheres de baixa renda, chefes de família e universitárias, destacando como elas fazem para atender a todos os compromissos que envolvem família, trabalho e universidade. A partir do estudo realizado, observou-se, na universidade do município de Naviraí (MS), a existência de casos de mulheres que são chefes de família e as únicas responsáveis pelos cuidados, educação e sustento dos filhos. Muitas dessas mulheres vivenciam situações de vulnerabilidade por passarem necessidades que envolvem moradia, alimentação, saúde, preocupação com a segurança da família. Muitas ainda estão sobrecarregadas com trabalho, estudo, afazeres domésticos e cuidado/educação dos filhos.

Assim, o estudo realizado com três mulheres dos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais de Naviraí (MS) contribui para melhor entender as vivências das mães universitárias de camadas populares e que são chefes de família, pois a análise dos dados mostrou diversos aspectos sociais, econômicos, acadêmicos e familiares das estudantes.

Com a realização da pesquisa, foi possível notar que a realidade das mulheres chefes de família é marcada pelo excesso de compromissos domésticos, familiares e acadêmicos. Geralmente elas ingressam na universidade com a intenção de mudar as condições de vida pessoal e familiar. A partir da conclusão do ensino superior, as universitárias esperam conseguir empregos com maior remuneração, sem precisar passar por humilhação, especialmente quando se trata do trabalho doméstico.

Os dados da pesquisa apontam que as três mulheres entrevistadas desejam concluir o ensino superior, ainda que corram o risco de terem que parar temporariamente devido às dificuldades com as aulas remotas, ocorridas no ano de 2020, em função da pandemia da covid-19. Se anteriormente já não era fácil conciliar todas as atribuições simultaneamente, com esse novo contexto a situação se agravou. O relato de Maria ilustra bem as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para dar conta de todas as funções que recaem sobre o gênero feminino: “A carga em cima da mulher é muito grande, então é uma persistência, uma garra tremenda...”.

Dessa forma, o estudo revela que, no cenário atual, as mulheres foram afetadas financeiramente e precisaram incorporar novas atribuições, que vieram a se somar às dificuldades que já enfrentavam para cursar o ensino superior. Entretanto, as participantes da pesquisa deixaram claro todo o empenho e dedicação em relação aos seus filhos, a preocupação com o futuro de cada um e como essa postura fortalece o ambiente familiar.

A partir da pesquisa realizada, torna-se evidente que, para mulheres de camadas populares e que são chefes de família, o fato de terem que conciliar a vida acadêmica com as diversas outras atribuições pessoais constitui um considerável problema, mas as estudantes de Pedagogia e de Ciências Sociais de Naviraí (MS) demonstraram perseverança e determinação para conseguirem atingir o objetivo de concluir o curso de graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ANDRADE, Juliana Oliveira de *et al.* O contexto do trabalho na visão de mulheres profissionais brasileiras. *In: ENCONTRO DA ANPAD*, 37., 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 1-16.

ASSUMPCÃO, Andreia dos Santos Barreto Monsore de. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 3-42, jul./dez. 2014. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 9 out. 2022.

ÁVILA, Rebeca Contrera. **Trajetórias e estratégias escolares de mulheres de camadas populares que vivenciam uma tríplice jornada diária: trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei. 2010.

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso: 10 jul. 2022.

BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisa educacionais**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRITO, Flávio dos Santos. Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina. **Urutágua** – Revista acadêmica multidisciplinar (DCS-UEM), Maringá, n. 15, p. 1, abr./maio/jun./jul. 2008.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa; MERCADO, Cristiano Miglioranza; RICOLDI, Arlene. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER. **O progresso das mulheres no Brasil**. Brasília, DF: Fundação Ford; Cepia, 2006. p. 60-93.

CARLOTO, Cássia M. A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. **Revista virtual textos e contextos**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 1-17, p. 17, 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/994>. Acesso em: 30 maio 2019.

CARVALHO, Luiza. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 57, p. 1, 1998.

CASTRO, Mary Garcia. Feminização da pobreza: em cenário neoliberal. In: GALEAZZI, Irene (org.). **Mulher e trabalho**, Porto Alegre, p. 89-96, 2001. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2671/2993>. Acesso em: 2 nov. 2022.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios. **Estudos sobre Seguro**, Rio de Janeiro, v. 32, 2018. Disponível em: https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf. Acesso em: 9 out. 2022.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa; SILVA, Deyse Pereira. Trajetória de vida acadêmica de mulheres maranhenses: um estudo do processo de acesso e permanência no curso de pedagogia. **Revista Ártemis**, São Luís, v. 22, n. 1, p. 55-62, jul./dez. 2016.

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaina dos Santos. Desafios vivenciados por mulheres universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 116-142, ago./dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: uma análise do Censo Demográfico 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Dados sobre o Censo da Educação Superior**. Brasília, DF: INEP, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

LIMA, Evelin Silva de; GONÇALVES, Josiane Peres. Atribuições da vida pessoal de jovens adultos universitários e interferência no desempenho acadêmico. **Rev. Ens. Educ. Ciênc. Human.**, Londrina, v. 20, n. 4, p. 422-429, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

MACEDO, Marcia dos Santos. Mulheres chefes de famílias e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. **Caderno CHR**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, maio/ago. 2008.

MENDES, Mary Alves. Mulheres chefe de família: a complexidade e a ambiguidade da questão. *In*: PRÉ-EVENTO MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA: CRESCIMENTO DIVERSIDADE E POLÍTICA, 1., 2002, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: CNPD; FNUAP; ABEP, 2002. p. 13. Disponível em: http://abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT-1_Gen_ST38_mendes_textos.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

MONTALI, Lilia. Provedoras e coprovedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefes de família sobre a precarização do trabalho e o desemprego. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULARES, 15, 2006, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu: ABEP, 2006, p. 27. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docs/pdf/ABEP2006_251.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

MORILHE, Francisco Antônio Leonardo; MORAIS, Ana Grazielle Longo. Família monoparental feminina. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, Marília, v. 3, n.1, p. 11-22, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, Nielmar de. **Pesquisa do IBGE mostra que mulher ganha menos em todas as ocupações**: a diferença entre carga horária trabalhada vem diminuindo. Brasília, DF: Agência Brasil, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes>. Acesso em: 30 maio 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. **A era dos modelos rígidos**. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512.

SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO. **Taxa de evasão no ensino superior pode chegar a 34,1% em 2020**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/imprensa/taxa-de-evasao-no-ensino-superior-pode-chegar-a-341-em-2020/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da UFAM, 2005.

Recebido em: 2 abr. 2023.

Aceito em: 6 set. 2023.